

AUTORA BESTSELLER INTERNACIONAL

RACHEL HELD EVANS

# A Redescoberta da **FÉ**

A história  
de quem se  
afastou da Igreja  
e regressou  
a Deus



FAROL

*Para Amanda: a irmãzinha que tenho por modelo,  
a pessoa que me dá mais esperança no futuro da Igreja.*

*E para a comunidade do blogue:  
escrevi todas as palavras deste livro para vós.*

«Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. [...] Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer”.»

PAPA FRANCISCO<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> *Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*, 2013, disponível no site da Santa Sé.

# Índice

<i>Prefácio</i> .....	7
<i>Prólogo: Alvorada</i> .....	9
<b>PARTE I ♦ Batismo</b> .....	19
1. Água.....	21
2. O batismo do crente .....	24
3. Nu na Páscoa.....	36
4. <i>Chubby Bunny</i> .....	42
5. Suficiente.....	53
6. Rios .....	57
<b>PARTE II ♦ Confissão</b> .....	63
7. Cinza.....	65
8. Vote «Sim» na Proposta 1.....	69
9. Roupa suja.....	90
10. O que fizemos .....	99
11. Meet the Press.....	105
12. Pó .....	116
<b>PARTE III ♦ Ordens Sacras</b> .....	121
13. Mãos .....	123
14. A Missão.....	125
15. Rotundo fracasso .....	138
16. Pés.....	143

<b>PARTE IV ♦ Comunhão</b> .....	147
17. Pão .....	149
18. A refeição.....	152
19. Baile metodista .....	161
20. Mãos abertas .....	169
21. Mesa aberta .....	173
22. Vinho .....	181
<b>PARTE V ♦ Confirmação</b> .....	185
23. Sopro.....	187
24. Oratórios de berma da estrada.....	191
25. Gigante Trémulo.....	209
26. Dúvida pascal.....	213
27. Com a ajuda de Deus.....	216
28. Vento.....	222
<b>PARTE VI ♦ Unção dos enfermos</b> .....	227
29. Óleo.....	229
30. Regenerar .....	232
31. Acédia evangélica.....	244
32. Toda a história do carro funerário .....	250
33. Perfume.....	257
<b>PARTE VII ♦ Casamento</b> .....	261
34. Coroas.....	263
35. Mistério .....	265
36. Corpo .....	274
37. Reino.....	277
<i>Epílogo: Trevas</i> .....	283
<i>Agradecimentos</i> .....	285

# Prefácio

**S**empre que quero assustar-me, penso no que aconteceria ao mundo se Rachel Held Evans parasse de escrever.

À medida que avançava na leitura deste livro, percebi que esperara a vida inteira por ele. O Jesus que Rachel ama intensamente é o mesmo Jesus por quem me apaixonei há muito tempo, antes de deixar que a hipocrisia da Igreja e o meu coração estragassem tudo. *A Redescoberta da Fé* ajudou-me a perdoar a Igreja e a mim próprio e a apaixonar-me por Deus outra vez. Era como se, ao longo do tempo, barreiras tivessem sido erguidas entre Deus e mim, barreiras essas que, enquanto eu lia este livro, eram derrubadas, uma após outra, pelas palavras de Rachel, até que, no fim, eu estava de novo frente a Deus.

O cristianismo de Rachel é uma disciplina quotidiana de graça ilimitada — para ela própria, para a Igreja, para os excluídos pela Igreja. A fé por ela descrita não é tanto um clube ao qual pertencer, mas mais uma corrente onde entrar — corrente que a transporta continuamente em direção às pessoas e aos lugares que foi ensinada a temer. Rachel descobre não apenas que ama essas pessoas, mas também aprende que ela *é* essas pessoas. Neste livro, Rachel convence-nos de que não existe *elas* nem *nós*; há apenas *nós*. Esta ideia é reconfortante e também ligeiramente assustadora. Tenho a impressão de que reconfortante e assustadora é exatamente o que a fé deve ser.

*A Redescoberta da Fé* é, muito simplesmente, o meu livro favorito da minha escritora favorita. A partir de agora, quando as pessoas me fizerem perguntas sobre a minha fé, vou limitar-me a emprestar-lhes este livro. Meu doce Jesus, obrigado por Rachel Held Evans.

GLENNON DOYLE MELTON

Autor de *Guerreira do Amor*, bestseller do *New York Times*,  
e fundador de Momastery.com e Together Rising

---

NOTA: Prefácio redigido em data anterior a 4 de maio de 2019, dia em que Rachel Held Evans faleceu.

PRÓLOGO

# Alvorada

«Vou contar-te como o Sol nasceu,  
uma fita de cada vez.»

EMILY DICKINSON

O teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer escreveu que «as madrugadas pertencem à Igreja de Cristo ressuscitado. O romper da aurora recorda-nos a manhã em que a morte e o pecado caíram por terra, derrotadas, e nova vida e salvação foram dadas à humanidade».<sup>2</sup>

Não são boas notícias para alguém como eu, que mal sabe quem é ao «romper da aurora» e muito menos consegue ponderar as consequências teológicas da ressurreição. Não sou propriamente uma pessoa madrugadora e, na realidade, prefiro ser uma das que caem por terra, derrotadas, ao nascer do dia. O êxtase de assistir ao nascer do Sol continua ainda a ser para mim outra das dádivas inacessíveis do Universo, a par das auroras boreais e do cabelo naturalmente encaracolado. Eu teria, sem dúvida alguma, afugentado a pobre Maria Madalena com um resmungo, sem sequer levantar a cabeça

---

<sup>2</sup> Dietrich Bonhoeffer, *Life Together: The Classic Exploration of Christian Community*, trad. John W. Doberstein (Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1954), 42.



da almofada, se ela me tivesse pedido que a ajudasse a levar os perfumes para o túmulo, naquela manhã predestinada de há dois mil anos. Teria dormido durante o Acontecimento Principal.

As pessoas religiosas nunca nos compreenderam a nós, os notívagos. O meu livro de horas estipula que as orações matinais devem ser proferidas entre as 4h30 e as 7h30. Como se pode esperar de mim que fale com Deus a uma hora em que nem sequer consigo falar com coerência com o meu marido ultrapassa-me. Todavia, quase todos os santos mais venerados da Igreja parecem ter sido madrugadores e, na minha infância, lembro-me de os pastores falarem, com o máximo de respeito possível, das horas calmas da manhã, como se Deus, Ele próprio, nos exigisse um horário laboral rigoroso. Até as grandes catedrais foram construídas com as entradas viradas a ocidente e os altares a leste. Os velhos cemitérios europeus nos adros de igrejas, pontuados por lápides erodidas pelo vento, continuam a refletir o costume de sepultar os mortos com os pés virados para o sol nascente como sinal de esperança e na expectativa de que, quando Jesus regressar a Jerusalém na sua Segunda Vinda, os crentes ressuscitem e o olhem de frente. Esperemos apenas que isso aconteça, efetivamente, depois das 9 horas da manhã.

Se as madrugadas pertencem, de facto, à Igreja, então a minha geração é dorminhoca.

Nos Estados Unidos, 59 por cento de jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos que receberam uma educação cristã abandonaram a Igreja. A quarta parte dos que chegaram à maioridade perto do ano 2000 não tem qualquer tipo de filiação religiosa, tornando o nosso distanciamento da fé superior ao dos membros da geração X, no momento comparável das suas vidas, e duas vezes mais desprendidos do que os *baby boomers* eram no início da sua vida adulta. Estima-se

que oito milhões de jovens adultos se afastem da Igreja antes dos 30 anos.<sup>3</sup>

Aos 32 anos, por pouco não me inseria nos chamados *millennials*. (Digamos que ainda conservo diversos episódios da série *Friends* gravados — em videocassetes.) Porém, apesar de ter um pé na Geração X, tendo a identificar-me muito fortemente com as atitudes e o etos da geração *millennial* e, por isso, costumo ser convidada a discursar perante líderes de igrejas sobre o porquê de os jovens adultos estarem a afastar-se da Igreja.

Podemos escrever rios de tinta sobre essa questão e, na realidade, muitos já o fizeram. Não posso falar exaustivamente acerca das correntes sociais e históricas que modelaram a vida religiosa norte-americana ou sobre as forças que levam muitos a rejeitarem por completo a fé. Os problemas que afetam o evangelicalismo norte-americano diferem bastante dos que afligem o protestantismo ortodoxo, que divergem dos que afetam as paróquias católicas e episcopalianas e dos que influenciam o cristianismo nas áreas do mundo onde está em expansão — nomeadamente no Sul e na zona leste do globo.

Porém, posso contar a minha história, que os estudos sociológicos sugerem ser cada vez mais comum.<sup>4</sup> Posso falar de como fui educada na fé evangélica, de como duvidei de tudo em que acreditava acerca de Deus, de amar, abandonar, ansiar pela Igreja, de a procurar e de a encontrar em lugares inesperados. E posso também partilhar as histórias dos meus amigos e leitores de todas as idades cujos comentários, cartas e e-mails são como que postais enviados de viagens espirituais, despachos da fronteira

---

<sup>3</sup> Estes números foram extraídos do excelente livro de David Kinnaman, *You Lost Me: Why Young Christians Are Leaving the Church... And Rethinking Faith* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2011) e de «Religion Among the Millennials», The Pew Research Center's Religion and Public Life Project, [www.pewforum.org/2010/02/17/religion-among-the-millennials](http://www.pewforum.org/2010/02/17/religion-among-the-millennials) (acesso em novembro de 2019).

<sup>4</sup> Ver, em particular, *You Lost Me*, de David Kinnaman.

americana pós-cristã. Não consigo oferecer as soluções que os líderes das igrejas procuram, mas posso articular as perguntas formuladas por muitos da minha geração. Consigo expressar alguma da sua angústia existencial e esperança.

Pelo menos foi o que tentei fazer quando me pediram há pouco tempo que explicasse a três mil jovens trabalhadores evangélicos reunidos numa conferência em Nashville, no Tennessee, o porquê de *millennials* como eu estarem a distanciar-se da Igreja.

Disse-lhes que estamos cansados das guerras de culturas, cansados de o cristianismo andar enredado com a política e o poder partidário. Os *millennials* querem ser conhecidos por aquilo de que são a favor, continuei, não apenas por aquilo a que se opõem. Não queremos ter de escolher entre a ciência e a religião ou entre a nossa integridade intelectual e a nossa fé. Em vez disso, aspiramos a que as nossas igrejas sejam locais seguros para duvidar, formular perguntas e dizer a verdade, mesmo quando é desconfortável. Queremos falar sobre os assuntos complicados — interpretação bíblica, pluralismo religioso, sexualidade, reconciliação racial e justiça social — mas sem conclusões predeterminadas ou respostas simplistas. Ao passarmos a porta da Igreja, queremos fazê-lo com a totalidade da nossa individualidade, sem deixar o coração ou a mente para trás, sem usar uma máscara.

Expliquei que quando os nossos amigos gays, lésbicas, bissexuais ou transexuais não são bem-vindos à nossa mesa, então também nós nos não sentimos bem-vindos, e que nem todos os jovens adultos se casam ou decidem ter filhos, por isso precisamos de parar de construir as nossas Igrejas em redor de categorias e começar a edificá-las em volta de pessoas. E disse-lhes que, ao contrário da crença popular, não somos conquistados pelos cânticos tocados por bandas modernaças, por cafés chiques ou por pastores que usam calças justas. Nós, *millennials*, fomos expostos à publicidade desde que nos lembramos, por isso conseguimos detetar tretas à distância. A Igreja é o último

lugar em que queremos que nos vendam mais um produto, o último lugar em que queremos divertimento.

Os *millennials* não estão à procura de um cristianismo *da moda*, acrescentei. Procuramos um cristianismo *mais verdadeiro*, um cristianismo mais *autêntico*. Tal como todas as gerações antes da nossa e todas depois dela, procuramos Jesus — o mesmo Jesus que pode ser encontrado nos locais invulgares em que sempre o encontramos: no pão, no vinho, no batismo, na Palavra, no sofrimento, na comunidade e nos seus membros mais humildes.

Não são precisos cafés nem máquinas de neveiro.

Claro que eu disse tudo isto no meio de um palco gigante equipado com luzes, trampolins e, sim, uma máquina de neveiro. Nunca me sinto inteiramente confortável nestes eventos — não porque as minhas palavras sejam mal recebidas ou falsas, mas porque me sinto fora do meu ambiente quando as pronuncio. Não sou uma académica nem uma especialista em estatística. Nunca liderei um grupo de jovens nem uma congregação religiosa. A verdade é que nem me dou ao trabalho de me levantar da cama em muitas manhãs de domingo, em especial nos dias em que não tenho a certeza de acreditar em Deus ou quando o programa *Meet the Press*<sup>5</sup> tem um convidado interessante. Para mim, falar sobre a Igreja em frente de um grupo de cristãos significa aproximar-me de um microfone e tentar explicar o relacionamento mais importante, complicado, belo e doloroso da minha vida em 30 minutos ou menos sem gritar, chorar ou praguejar. Por vezes, desejava que preferissem alguém com um pouco mais de distância emocional para dar estas palestras, alguém que não fique desfeito e em carne viva de cada vez que alguém pergunta inocentemente: «Então que igreja frequenta agora?»

Talvez seja por isso que não queria escrever este livro... pelo menos a princípio. Oh, sim, bem tentei esquivar-me. Adia

<sup>5</sup> Programa de televisão da NBC News, no ar desde 1947. [N. T.]

e hesitava e enviava um monte de propostas à editora, na esperança de que ela mudasse de ideias. Levei o dobro do tempo que previa para o escrever. Cheguei a entornar uma grande caneca de chá em cima do meu portátil a meio da escrita do primeiro rascunho e, pensando que tinha perdido metade do original, resolvi que Deus não queria que eu escrevesse um livro sobre a Igreja. (Conseguimos recuperar a maior parte do texto, mas a tecla *Caps Lock* continua a ficar presa de vez em quando.)

Não queria que a minha história com a Igreja fosse impressa porque, a verdade é que ainda não sei como acabará. Encontro-me na adolescência da minha fé. Tenho fechado portas com estrondo, revirado os olhos e proferido agressivas declarações de ódio a toda e qualquer pessoa ou organização que represente a instituição Igreja. Sou irada e petulante, esperançosa e ingénuo. Tento encetar o meu próprio caminho, mas ainda não percebi como o fazer sem exorcizar o antigo, sem o apagar, declarar a minha independência e correr depois o mais depressa possível no sentido oposto. Os livros sobre a Igreja são escritos por pessoas com um plano e dez passos, não por cristãos cheios de dúvidas.

No entanto, aqui estou eu, a escrever um desses livros. Escrevo-o porque desconfio de que a adolescente desajeitada da foto do livro de curso ainda tem alguma coisa a dizer sobre o mundo, algum tipo de esperança para lhe oferecer, mesmo que apenas sob a forma de umas centenas de páginas de testemunho pessoal. Escrevo-o porque, às vezes, estamos mais perto da verdade na nossa vulnerabilidade do que nas nossas certezas absolutas, e porque, apesar de toda a minha dúvida e insegurança, apesar do meu impulso irreprimível de dormir nas manhãs de domingo, vi os primeiros raios de luz da madrugada penetrar pela janela do quarto, e há um clarão fraco, mas promissor, a beijar o horizonte. Mesmo quando não acredito na Igreja, creio na ressurreição. Acredito na esperança da manhã de domingo.

Pareceu-me apropriado organizar o livro à volta dos sacramentos, porque foram eles que me levaram de volta à Igreja depois de eu ter desistido dela. Quando a minha fé se transformara em pouco mais do que uma abstração, um conjunto de proposições para afirmar ou negar, a natureza tangível, tátil dos sacramentos convidou-me a voltar a tocar, cheirar, saborear, ouvir e ver Deus na matéria da vida quotidiana. Tiraram Deus da minha cabeça e puseram-No nas minhas mãos. Recordaram-me de que o cristianismo não existe apenas como uma crença: é para ser vivido, partilhado, comido, falado e desempenhado na presença de outras pessoas. Lembraram-me de que, por muito que me esforce, não é possível ser cristã sozinha. Preciso de uma comunidade. Preciso da Igreja.

Como refere Barbara Brown Taylor, «numa era de sobrecarga de informação [...] a última coisa de que precisamos é de mais informação sobre Deus. Precisamos da prática da encarnação, pela qual Deus salva as vidas daqueles cuja convicção intelectual os tornou secos como pó, para quem o pão da vida quase se esgotou, que desejam ardentemente conhecer mais Deus nos seus corpos. Não mais *sobre* Deus. Mais *Deus*»<sup>6</sup>.

Portanto, vou contar a minha história com a Igreja em sete secções, através das imagens do batismo, da confissão, das ordens sacras, da comunhão, da confirmação, da unção dos enfermos e do casamento. Estes são os sete sacramentos reconhecidos pelas Igrejas católica e ortodoxa, mas não precisamos de os considerar os únicos sacramentos da Igreja. Poderia facilmente escrever sobre os sacramentos da peregrinação, do lava-pés, da Palavra, de cozinhar frango guisado, e sobre um número variado de sinais exteriores de graça interior. O meu propósito, ao utilizar estes sete sacramentos, não é teológico nem eclesiológico, mas antes literário. Estas são as estacas que prendem o pequeno

<sup>6</sup> Barbara Brown Taylor (2009). *An Altar in the World*. Nova Iorque, HarperOne, 45.

tabernáculo da minha história à terra. Escolhi-os porque possuem um caráter como que universal, pois mesmo as Igrejas que não possuem sacramentos explícitos aceitam geralmente a verdade dos sacramentos.

- A Igreja diz-nos que somos amados (batismo).
- A Igreja diz-nos que somos fracos (confissão).
- A Igreja diz-nos que temos um mandato (ordens sacras).
- A Igreja alimenta-nos (comunhão).
- A Igreja acolhe-nos (confirmação).
- A Igreja unge-nos (unção dos enfermos).
- A Igreja une-nos (casamento).

Claro que a Igreja também pode mentir, magoar, prejudicar e excluir, e este livro analisa tanto os seus recantos sombrios como o esplendor dos seus vitrais. Porém, pertencendo a uma geração que luta para perceber o significado da Igreja, espero que estes sete mistérios digam «saboreai e vede como o Senhor é bom» (Salmos 34,9) e talvez nos convençam a não desistir. Espero que eles nos lembrem de como precisamos urgentemente uns dos outros.

Apresento nestas páginas as histórias das Igrejas de diversas tradições — batista, menonita, anglicana, católica, pentecostal, não-denominacional — e baseei-me amplamente nos escritos de cristãos que vão de Alexander Schmemmann (ortodoxo), a Nadia Bolz-Weber (luterana), a Will Willimon (metodista) e a Sara Miles (episcopaliana). Contemplei as histórias de leigos e pastores, amigos e leitores do blogue, frequentadores e não-frequentadores da Igreja. Esta é a minha história, mas é também a história de muitas outras pessoas.

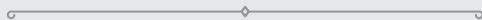
Este livro intitula-se *A Redescoberta da Fé*, mas é menos sobre a procura de uma igreja no domingo e mais sobre a *ressurreição* no domingo. É sobre todas as maneiras singulares como Deus

devolve a vida aos entes mortos. É sobre desistir e começar de novo. É sobre a razão pela qual, mesmo nos dias em que desconfio que toda esta conversa sobre Jesus e ressurreição e vida eterna é um monte de disparates cujo propósito é ajudar-nos a suportar uma existência carente de significado, eu gostaria, mesmo assim, de ser sepultada com os pés voltados para o sol nascente.

Por via das dúvidas.



PARTE I



# Batismo

# 1

## Água

«[...] havia uns céus e uma terra que a palavra de Deus tornou firmes a partir da água e no meio das águas.»

2 PEDRO 3,5

No princípio, o Espírito de Deus pairava sobre as águas. A água era escura e profunda e estava por toda a parte, dizem os antigos, num infundável oceano primordial.

Então Deus separou as águas, empurrando parte delas para baixo de maneira a formarem oceanos, rios, gotas de orvalho e nascentes, e dispôs as restantes por cima, encerrando-as por detrás de um firmamento vítreo, equipado com portas que se abriam para a Lua e janelas de onde caía a chuva. Na cosmologia antiga do Próximo Oriente, toda a vida estava suspensa entre estas águas, vulnerável como um feto no útero. Com um suspiro do Espírito, as águas podiam desabar sobre e em redor da Terra, afogando instantaneamente os seus habitantes. A história de Noé e do dilúvio começa quando se rompem «todas as fontes do grande abismo» e se abrem «as cataratas do céu» (Génese 7,11). O Deus que separara as águas no princípio quis começar de novo, por isso fez desaparecer o mundo sob as águas.

Para os povos cuja sobrevivência dependia dos humores imprevisíveis dos rios Tigre, Eufrates e Nilo, a água representava tanto a vida como a morte. Os oceanos fervilhavam de monstros, espíritos rebeldes e peixes gigantes que podiam engolir um homem inteiro. Os rios transbordavam de possibilidades inconstantes — colheitas abundantes, comércio próspero, seca. Neste mundo, Deus falava a língua das águas, transformando os rios dos inimigos em sangue, fazendo brotar nascentes de rochas no deserto, agindo como casamenteiro junto a poços, e prometendo um futuro em que a justiça jorraria como água e a honradez como uma corrente inesgotável. E as gentes respondiam, procurando purificar a mente e o corpo por meio de banhos rituais após o nascimento, a morte, o sexo, a menstruação, os sacrifícios, os conflitos e as transgressões. «Purifica-me com o hissope e ficarei puro», escreveu o rei-poeta David; «lava-me e ficarei mais branco do que a neve» (Salmos 51,9).

É ingênuo pensar que todas estas visões antigas têm de ser literais para serem verdadeiras. Conhecemos bem, tal como os nossos antepassados, tanto o perigo como a necessidade da água. A água interliga-nos no útero materno, e o nosso tecido espectral inala e exala o líquido amniótico que faz crescer os nossos pulmões, ossos e cérebros. A água flui pelo nosso corpo e dá ao nosso planeta a cor azul. É a água que arrasta automóveis como folhas quando um tsunami assola uma costa, a água que engole um navio num instante e esculpe um *canyon* em éons, a água que catamos no solo de Marte, tal como os chimpanzés fazem aos parasitas, mas com máquinas que custam milhares de milhões de dólares, a água que derramamos nas cabecinhas calvas dos bebés para os batizarmos filhos de Deus, a água com que torturamos o próximo e que choramos, a água portadora das doenças invisíveis que matarão 4 mil crianças hoje, a água que, se aquecer mais alguns graus, desabarará sobre e em redor da Terra e nos apagará a todos.

Mas tal como a água levou Moisés pelo Nilo abaixo até ao seu destino, também a água transportou outro bebé do corpo de uma mulher para um mundo expetante. Revestido agora de carne, o Deus que outrora pairava sobre a superfície das águas foi nelas mergulhado pelas mãos de um pregador de olhar desvairado que vivia no deserto. Quando Deus emergiu, falou da água viva que sacia eternamente e de renascer. Ia pescar e lavou os pés dos seus amigos. Tocava nos que eram considerados impuros. Cuspia no pó, lançava os demónios ao oceano e caminhava sobre um mar revolto. Tinha sede e chorava.

Depois de as autoridades terem lavado as mãos em relação ao seu destino, Deus foi pregado numa cruz e do seu flanco jorraram sangue e água. Tal como Jonas, foi engolido durante três dias.

Então Deus venceu a morte. Deus ergueu-se das profundezas e voltou a respirar o ar. Quando encontrou os seus amigos à beira-mar, disse-lhes que não tivessem medo e que partissem e batizassem todos os povos.

O Espírito que outrora se movia sobre a superfície das águas habitara-as. Agora, cada gota é sagrada.

## 2

# O Batismo do Crente

«Toda a água tem uma memória perfeita e tenta eternamente regressar aonde esteve.»

TONI MORRISON

Fui batizada pelo meu pai. A sua presença a meu lado, com a água pela cintura, no batistério, foi outro dos privilégios de ter um pai que fora ordenado mas não era pastor, e que podia participar na minha vida espiritual sem dar cabo dela. Deixem-me esclarecer que as expectativas em relação à filha de um professor universitário de estudos bíblicos são muito mais relaxadas do que as da filha de um pregador: em resposta a algumas das perguntas que eu fazia durante a catequese dominical era-me sugerido com gentileza que as dirigisse à pessoa da minha família que sabia hebraico antigo e que poderia explicar-me com facilidade a forma exata como Deus conseguira criar a luz antes do Sol.

Por isso, acreditava quase sempre no meu pai quando ele me garantia que eu não iria para o inferno por esperar pelo meu 13.º aniversário para ser batizada. *Quase sempre*. Sabia que estava a forçar os limites da «idade da responsabilidade», o momento em que as crianças já não comiam de graça no restaurante O'Charley's nem iam para o Céu mercê da fé dos pais, e sabia

que alguns cristãos acreditavam que era preciso ser-se batizado para se ser salvo. Numa introdução grosseira às realidades do denominacionalismo, fui informada por um colega do último ano da escola básica que, mesmo que eu tivesse vindo a rezar fervorosamente a Jesus desde o jardim de infância, era obrigatório formalizar a situação e ser batizada o mais cedo possível antes que um acidente de viação ou uma queda grave do escorrega me entregassem diretamente ao diabo.

«O meu pastor diz que temos de ser batizados com água antes de sermos batizados pelo Espírito», explicou-me o rapaz, pondo-se na pele de um médico generalista que recomenda um especialista, enquanto se balançava nas barras do parque infantil. «Convém tratares disso.»

«Bem, o meu pai andou no seminário e diz que não é preciso ser-se batizado para se ir para o Céu», retorqui.

(Devo acrescentar que frequentei uma escola básica cristã onde «a hermenêutica do meu pai pode derrotar a hermenêutica do teu» era um tema vulgar para conversa de recreio.)

Muitos miúdos da Parkway Christian Academy frequentavam a igreja pentecostal do outro lado da rua e, durante o período de pedido de orações, contavam histórias intrigantes sobre os demónios que penetravam nos seus quartos à noite e punham as luzes a piscar ou puxavam o autoclismo. Levavam muito a sério a guerrilha espiritual e consideravam que a minha família era liberal por nos deixar brincar ao doçura-ou-travessura no feriado de Satanás. O meu pai dizia que os demónios estavam no ramo da tentação, não no das descargas de autoclismo, mas as suas garantias não impediam que eu tremesse de medo debaixo dos cobertores em certas noites, receosa de abrir os olhos e dar de caras com a entidade ameaçadora que eu sabia ser um anjo caído em desgraça, pairando sobre a minha cama, à espera de capturar a fácil presa que era uma garota que brincara ao doçura-ou-travessura sem se preocupar em ser batizada.

Quando cheguei à idade da responsabilidade, já estivera em contacto com diversidade doutrinal suficiente para me sentir preparada, pelo que comecei a fazer mais perguntas sobre o batismo nas habituais conversas sobre teologia à mesa do jantar, na esperança de que os meus pais marcassem uma entrevista com o pastor. Quando soube que alguns miúdos tinham sido batizados mesmo antes de lhes terem nascido os dentes, fiquei verde de inveja.

A nossa Igreja acreditava na Bíblia, por isso praticávamos a imersão. Era o batismo do crente, como lhe chamávamos. Tivéssemos vivido na Suíça do século XVI e seríamos condenados à morte por essa convicção, simbolicamente afogados ou talvez queimados por confrades protestantes que consideravam heréticos os «segundos batismos» dos reformadores radicais. (Facto curioso: o número de cristãos que se martirizaram uns aos outros nas décadas após a Reforma foi maior do que o número de mártires cristãos devidos ao Império Romano.<sup>7</sup>) Se tivesse nascido numa família ortodoxa, teria sido batizada em bebé por meio de três imersões — a primeira em nome do Pai, depois em nome do Filho, e novamente em nome do Espírito Santo — antes de ser colocada, aturdida e molhada, nos braços de um padrinho. Se a minha família fosse católica, usaria um vestido branco de batizado e um sacerdote teria derramado água benta sobre a minha careca de bebé para remover a mancha do pecado original. Se fôssemos mórmones, duas testemunhas ter-me-iam ladeado na piscina batismal para garantir que todo o meu corpo ficava submerso em água. Se fôssemos presbiterianos, bastaria a aspersão de algumas gotas que simbolizariam o meu lugar na aliança de famílias de Deus. Felizmente, apesar da divergência sobre os métodos de batismo, os cristãos de

---

<sup>7</sup> Justo Gonzalez, *The Story of Christianity, Volume II: The Reformation to the Present Day* (Nova Iorque: HarperOne, 2010), 71.

hoje podem deitar um olhar desconfiado ao próximo, mas não condenam ninguém à fogueira.

Não creio que a questão tenha grande importância. Seja como for, a expressão «batismo do crente» parece-me algo equívoca, por sugerir maior volição na dita circunstância do que a maioria de nós apresenta. Sempre que contactamos com a água, seja como um bebé irrequieto nos braços de um sacerdote nervoso, ou como um adulto imerso num rio por um pregador revivista, fazemo-lo pela mão de alguém que nos acolhe na fé, pelas pessoas que nos apresentam — ou virão a apresentar — a Jesus. «No batismo», escreve Will Willimon, «o recipiente do batismo é apenas isso — recipiente. Não podemos batizar-nos a nós próprios. É algo que nos é feito a nós, para nós».<sup>8</sup> Trata-se de uma adoção, não de uma entrevista.

A Igreja que me adotou era sulista e evangélica e, portanto, obcecada pelo futebol americano universitário. Sob a chefia de Gene Stallings, a equipa dos Alabama Crimson Tide preparava-se para conquistar o seu 12.º campeonato nacional. Por isso, nas manhãs de domingo, a seguir ao dia de jogo, os bancos da Bible Chapel em Birmingham ficavam coloridos de vermelho e branco, com laços de cabelo, gravatas, blusões desportivos e blusas — os paramentos da segunda religião do Alabama (ou primeira, dependendo do inquirido).<sup>9</sup> Havia alguns adeptos dos Auburn, mas eram quase tão raros como votantes do Partido Democrata. Uma única família italiana — os Marinos — constituía toda a nossa diversidade étnica. Reuníamo-nos sob um teto

<sup>8</sup> William H. Willimon, *Remember Who You Are: Baptism, A Model for Christian Life* (Nashville, TN: Upper Room Books, 1980), 37.

<sup>9</sup> A designação da igreja era na realidade Faith Chapel of Huffman, uma igreja bíblica não-denominacional. Contudo, anos depois de sairmos de Birmingham, a congregação mudou de local e passou a ser Deerfoot Community Bible Church. Alterei o nome da igreja neste livro para não ser confundida com a Faith Chapel Christian Center, outra igreja existente na atual Birmingham.



em abóbada de pinho do Alabama e, como bons protestantes, tínhamos um púlpito pesado e despojado. Vivíamos os anos 80 do século xx, por isso todas as minhas memórias iniciais de Jesus estão associadas ao cheiro a laca.

Nessa época, eu não conhecia o conceito do evangelicalismo como uma expressão singular e relativamente recente do cristianismo, com raízes no pietismo novecentista e no «Grande Despertar» norte-americano. Em vez disso, pensava que *evangélico* era um adjetivo sinónimo de «real» ou «autêntico». Existiam *cristãos*, e depois havia *cristãos evangélicos* como nós. Apenas os evangélicos tinham a salvação garantida. Todos os outros estavam na corda bamba e em perigo de serem cuspidos da boca de Deus. Os nossos vizinhos católicos estavam condenados. A quase 1450 quilómetros de distância, em Princeton, Nova Jérsia, o meu futuro marido ganhava troféus em competições de carrinhos de madeira na Montgomery Evangelical Free Church, que durante muitos anos ele julgou ser uma igreja sem evangélicos, à imagem das pastilhas elásticas sem açúcar. «Mas os evangélicos não são os bons?», perguntava ele à mãe. Cedo aprendíamos a identificar as nossas tribos.

O nosso pastor em Bible Chapel — o pastor George — era oriundo de Nova Orleães e não o escondia, com a sua voz estentórea, a pronúncia caraterística da região e as gravatas às riscas roxas e douradas. Corpulento, brincalhão e bom contador de histórias, gostava de ilustrar os seus sermões com narrativas sobre peixes que se escapavam ao anzol e jacarés que quase o tinham comido vivo. Por vezes, após o serviço religioso, a minha mãe gracejava com ele dizendo-lhe que ele era tão mau como os Gideões, um grupo de distribuidores de Bíblias, a cujas histórias de encontros milagrosos com o Livro (havia uma sobre um cão que entregara uma Bíblia dos Gideões toda estragada ao seu dono sem-abrigo antes de lhe morrer nos braços) ela nunca dera crédito.

Perdi quase todos os famosos sermões do pastor George porque a Amanda, a minha irmã mais nova, e eu éramos logo despachadas para a catequese a seguir aos anúncios, aos hinos e à música especial. A minha mãe pertence a uma terceira geração de professoras da escola básica e é uma defensora acérrima de que a educação deve ser adequada à idade. Por isso, tem pouca paciência com pais que deixam os filhos ficar durante o serviço religioso, entretidos a fazer gatafunhos no boletim da Igreja enquanto o pregador se desdobra em considerandos acerca da expiação substitutiva. Como fora obrigada a isso em criança — com frequência três a quatro vezes por semana numa rigorosa Igreja batista independente — ela deixou claro ao meu pai e a quem quisesse saber que as suas filhas só iam à igreja duas vezes por semana: uma na manhã de domingo e outra na noite de quarta-feira. Éramos conservadores, não legalistas.

Porém, mesmo quando se é uma criança, aprendemos bem depressa que a Igreja não começa nem acaba no horário do serviço religioso afixado no *placard* da igreja. Não, a Igreja arrastava-se como a última aula do dia, quando esperávamos com o nosso pai, dentro do automóvel abafado, que a mãe acabasse de cumprimentar as pessoas na sala de convívio. A Igreja continuava presente nas tardes douradas de domingo quando Amanda e eu cabriolávamos pela casa, apenas vestidas com as nossas combinações brancas como se fôssemos pequenas noivas. A Igreja batia à porta com uma galinha guisada quando a família inteira estava com gripe. Telefonava depois da meia-noite a pedir uma oração e a chorar. Contava mexericos enquanto esperávamos à porta da escola pelos pais e tomava conta de nós nas noites de sexta-feira. Brincava comigo, puxava-me os totós e ensinou-me a cantar. A Igreja organizou uma grande festa de surpresa para o pai, quando ele fez 40 anos, e incluiu-me no segredo desde o princípio. A Igreja vinha ao meu encontro, muito mais do que eu ia ao seu, e ainda bem que assim foi.

Dada a rotina normal da família Held, estranhámos aquele fim de tarde de domingo em que subimos de carro o caminho de gravilha, ladeado de árvores, que conduzia à Bible Chapel para sermos batizadas. Amanda e eu íamos caladas e nervosas, presas pelos cintos ao banco traseiro do nosso *Chevy Caprice*. O adiamento do meu batizado deveu-se em parte ao desejo de que Amanda e eu fôssemos batizadas no mesmo dia, algo que eu vi como mais um exemplo da capacidade misteriosa da minha irmã para me ultrapassar em maturidade, ainda que eu tivesse mais três anos do que ela. Precoce, com covinhas no rosto, pele morena e um olhar profundo e aveludado que ainda hoje revela de imediato qualquer alegria ou dor que lhe habite o coração, Amanda conseguia arrancar um sorriso mesmo ao ministro do culto mais carrancudo. Era confiante, impressionável, transparente e bondosa — a última pessoa no mundo que alguém queria fazer chorar.

O pastor George chamava à Amanda a «Menina TDI» porque ela era excelente nas aulas de memorização da Bíblia que frequentávamos todas as noites de quarta-feira. TDI, a sigla de «Trabalhador Digno e Irrepreensível»<sup>10</sup>, longe de ter um significado político, correspondia na realidade à conquista de emblemas e alfinetes pela recitação certa dos versos impressos nos nossos cadernos de espiral. Toda esta atividade tinha associado um cheiro delicioso a bolachas e ao papel novo dos nossos livros de memorização, e Amanda trazia esse aroma para casa, juntamente com montes de galhardetes e troféus. Porém, em vez de se vangloriar, partilhava os louros comigo. Por vezes, quando verificava que eu viera para casa de mãos vazias, passava-me discretamente um dos alfinetes de plástico que ganhara e que tinha a forma de uma coroa, simbolizando a que receberíamos no Céu por conseguirmos memorizar

<sup>10</sup> Expressão extraída da 2.<sup>a</sup> Carta de Paulo a Timóteo (2,15). [N. T.]

tantos versículos da Bíblia. Assustava-me o quanto ela me respeitava, como confiava em mim e me apoiava quando eu não o merecia. Fui uma boa irmã mais velha até chegar à puberdade e, na crise existencial subsequente, desenvolver um ressentimento pela facilidade com que ela era amada. Uma vez, sentindo que ela não fora adequadamente responsabilizada por uma qualquer contrariedade que houve em casa, chamei-lhe «a menina certinha» e imitei-a a cantar o hino «Santo, Santo, Santo» com trejeitos ridículos. Nunca fiz uma coisa tão cruel a ninguém. Nunca. O seu espírito era tão sensível que eu soube de imediato que tinha ferido uma coisa preciosa, só por diversão, e que era capaz de fazer mais mal do que jamais imaginara. Nem sequer as águas do batismo poderiam lavar esse pecado, disso tinha a certeza.

No dia do batizado, fomos com a nossa mãe para a despojada sala nupcial do santuário, onde vestimos as túnicas batismais por cima de t-shirts e calções de ganga. Sentia-me ansiosa em relação aos meus seios. A minha «prateleira» crescera cedo e generosamente, e sentia-me como a Prostituta de Babilónia de cada vez que apanhava um colega da catequese dominical a olhar para ela. (Só aprendi a desconstruir a cultura da modéstia depois da universidade, e foi tarde demais.) As roupas molhadas não me favoreciam, isso era certo. Felizmente, devíamos cruzar os braços antes de sermos imersas, e a mãe fizera-me vestir um sutiã de desporto, uma camisola interior e uma t-shirt de algodão grosso. Escovou o meu cabelo escorrido que pendia como os fios de uma esfregona, encimado por uma franja emaranhada e artificialmente volumosa, e senti os seus olhos castanhos inspecionarem o eczema que me atacava os braços, os meus ombros descaídos, o intervalo entre os meus dentes da frente. Recusava-me a usar maquilhagem, o que a enfurecia, sobretudo num dia em que a túnica branca me fazia parecer ainda mais pálida. Amanda, como é evidente, estava angelical com o seu

cabelo ondulado e preso em totós fofos e assimétricos — uma bonequinha mimosa ao lado de um fantasma assustado e de peito grande.

«Boas notícias», disse a mãe, com o seu tom alegre a contrastar com a tensão nervosa. «Lembrei-me de trazer um secador de cabelo.»

De facto, foi um alívio.

Com o meu pai a supervisionar o meu desenvolvimento teológico, cabia à minha pobre mãe orientar-me nas particularidades sociais da vida da igreja, uma tarefa que eu lhe dificultava consideravelmente ao levar muito mais a sério a parte que pertencia ao meu pai. Uma coisa é explicar a uma garota de 11 anos que não há maneira de saber se Anne Frank foi para o Céu ou para o Inferno, outra, bem diferente, é explicar que essa pergunta podia ser inadequada numa festa de noivado em frente das senhoras da igreja. Mas era esse o carácter das minhas conversas triviais. Se tivesse herdado mais da beleza e encanto da minha mãe e compartilhado um pouco da virtude da minha irmã, poderia ter-me saído bem, mas em vez disso debatia-me com as peculiaridades da cultura religiosa do Sul dos EUA, em que se espera que uma boa jovem cristã saiba falar sobre o tempo ou o futebol antes de passar ao debate sobre a danação eterna. Sempre fui introvertida, pelo que nunca dominei a arte da bajulação. Além disso, desafiava de propósito a minha mãe ao recusar-me a aplicar batom ou usar mala ou ao não me preocupar no mínimo com o que vestia para ir à igreja, justamente por saber que estas coisas eram importantes para ela. Gostava de pensar em mim própria como uma maria-rapaz (como a minha heroína Laura Ingalls Wilder<sup>11</sup>), mas sem o gosto por

---

<sup>11</sup> Escritora norte-americana (1867–1957) responsável pela série de livros *Little House on the Prairie*, adaptada para televisão e que foi emitida em Portugal sob o nome *Uma Casa na Pradaria*. [N. T.]

desportos de competição ou atividades ao ar livre. Felizmente, a minha mãe tinha um fraquinho pelos desajustados, portanto nunca duvidei de que ela me apoiava.

São escassas as minhas memórias da cerimónia de batizado, com a exceção de que o santuário parecia muito diferente de cima do batistério. Era como se eu estivesse a observá-lo através de uma grande angular. E lembro-me que foi reconfortante avançar para a água morna ao encontro do meu pai, uns braços conhecidos que me guiavam, umas mãos conhecidas que me apertavam o nariz, uma voz conhecida que dizia qualquer coisa sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, uma força conhecida que me empurrava para baixo e puxava depois para cima, como quando me embalava nos seus braços. E lembro-me, também, de como fiquei contente por ver a minha mãe à minha espera de braços abertos, para me envolver numa toalha, e como observámos as duas quando chegou a vez de Amanda e ela entrou na água, que lhe chegava à altura dos ombros. Houve uma receção depois, e alguém trouxe ovos recheados, porque sabia que eram os meus preferidos.

Porém, acima de tudo, lembro-me de me interrogar sobre o porquê de não me sentir mais limpa, mais santificada ou mais leve ou próxima de Deus quando acabara de renascer... *de novo*. Perguntei-me se os meus colegas da Igreja pentecostal não teriam razão e se eu não precisaria de um segundo batismo no Espírito Santo, ou se este não teria tido a solenidade suficiente ou se eu me teria preparado o suficiente para o batismo ser eficaz. Ainda não aprendera que o mais comum é sairmos dos grandes acontecimentos — o casamento, o acordo de publicação de um livro, a viagem, a morte, o nascimento — exatamente como entrámos, e que talvez a surpresa mais estranha da vida é que isso continua a acontecer ao nosso velho *eu*.

Diz-se que quando Martinho Lutero sofria crises de depressão (que eram muito frequentes, pois o sujeito era totalmente

bipolar), reconfortava-se a si próprio repetindo: «Martinho, tem calma, tu és batizado.» Desconfio que este conforto decorria não da recordação do momento do batismo propriamente dito, ou por acreditar que o batismo fosse uma espécie de amuleto mágico, mas por se recordar do que significava: a sua identidade como filho amado de Deus. Porque, em última instância, batizar é dar um nome. Quando Jesus emergiu das águas do Jordão, uma voz vinda dos céus declarou: «Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus todo o meu agrado.» Jesus não principiou a ser amado no instante do seu batismo, nem deixou de o ser quando o seu batismo se tornou uma memória. O batismo designa simplesmente a realidade de um existente e interminável estado de ser amado. Como diz a minha amiga Nadia: «Identidade. É sempre o primeiro passo de Deus.»<sup>12</sup>

O mesmo sucede connosco. No batismo, somos identificados como filhos amados de Deus, e a nossa adoção pela família dispersa, bela e disfuncional da Igreja é festejada por todos os que se encontram à beira da água, com um secador de cabelo e ovos recheados. É por isso que o batistério costuma situar-se perto da entrada de uma igreja. A nave central representa a jornada do cristão pela vida em direção a Deus, jornada essa que começa com o batismo.

A boa notícia é que és um filho amado de Deus; a má notícia é que não podes escolher os teus irmãos. Nadia é uma pastora luterana que cresceu na tradição fundamentalista das Igrejas de Cristo, as quais, tal como a minha, proíbem a ordenação de mulheres. Quando se converteu ao luteranismo, pediu ao seu mentor luterano que a rebatizasse. O mentor, sabiamente, recusou, recordando-a de que um ato de Deus não pode ser desfeito ou refeito. Embora ela tivesse abandonado a companhia e as

---

<sup>12</sup> Nadia Bolz-Weber, *Pastrix: The Cranky, Beautiful Faith of a Sinner & Saint* (Nova Iorque: Jericho, 2013), 138.

práticas da sua primeira Igreja, não conseguia apagá-las da sua genealogia espiritual. Continuavam a ser a sua família.

Tal como Nadia, debati-me com a tradição evangélica em que fui educada, com frequência de forma inábil. Por vezes, tentei espremer as águas do meu primeiro batismo das minhas roupas, sacudi-las do cabelo, e começar do zero noutra comunidade onde fosse possível a ordenação de mulheres, votar no Partido Democrata e acreditar na evolução. Contudo, Jesus tem este hábito singular de permitir que pessoas comuns e desastradas o apresentem a outras, e foram pessoas exatamente assim as primeiras a dizer-me que eu era uma filha amada de Deus, e a chamarem-me cristã. Não sei aonde a minha história de fé me conduzirá, mas começará sempre aqui. Isso nunca poderá mudar.

Fui batizada pelo meu pai. E pela minha mãe. Pelo pastor George, pelos meus professores da catequese, pela minha irmã, por aquele vendedor de carros usados que cantava uma serena versão *gospel* de *The Old Rugged Cross* em todas as Páscoas, pelo rapaz que me pôs «macacos» do nariz no cabelo, pela menina em cadeira de rodas que não conseguia falar. Fui batizada pelo Alabama, pela Reaganomics, pelo evangelicalismo, pela Parkway Christian Academy e pela Bible Chapel. Fui batizada por Martin Luther King Jr., George Wallace e Billy Graham. Fui batizada pelo tipo de pessoas que transformavam histórias de peixes em sermões, ouviam Rush Limbaugh e por vezes me amavam da maneira errada. Fui batizada pela água e pelo espírito e por este feixe estranho de átomos, genes e experiências que Deus juntou, em que pôs todo o seu agrado e a que num gesto de misericórdia absurda chamou *Bem-amado*.



# «Sobre desistir e começar de novo»





Esta é uma história, narrada na primeira pessoa, de amor à Igreja, de separação e do necessário regresso à fé. De uma forma apaixonada e cativante, Rachel Held Evans relata-nos a sua vida num livro que se divide em sete partes, à imagem dos sete sacramentos, e analisa a Igreja «tanto nos seus recantos sombrios como no esplendor dos seus vitrais».

Apresentando histórias de Igrejas de diversas tradições — como a católica, a batista ou a anglicana — e baseando-se em escritos de especialistas de origens diversas — episcopal, metodista, ortodoxa e luterana, entre outras —, esta é uma obra que, mais do que apontar soluções, levanta questões e faz as pazes com o sentimento de dúvida na fé que pode, amiúde, assaltar os nossos pensamentos. Porque, como refere a autora: «Esta é a minha história, mas é também a história de muitas outras pessoas.»



«A partir de agora, quando as pessoas me fizerem  
perguntas sobre a minha fé, vou limitar-me  
a emprestar-lhes este livro.»

Glennon Doyle Melton

 <p><b>FAROL</b> a luz da sua vida 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-668-839-4</p>  <p>9 789896 688394</p> <p>Religião</p>
---	--